

Insularidade na criação poética: autoexílio e mistério¹

DALILA TELES VERAS

 10.34640/universidademadeira2022veras

confidência da madeirense

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste,
orgulhoso: de ferro.

Carlos Drummond de Andrade

alguns anos vivi na madeira
principalmente nasci na madeira
por isso sou melancólica, teimosa: urze
de nascença, em luta frente às intempéries
(do solo, do vento e das vagas marítimas)
alma em permanente desassossegar

da madeira nada de material veio comigo
e não há nada que eu possa ofertar
mas da madeira vem este ar atrevido
a língua maledicente e áspera
e o hábito de tudo reclamar
atavismos que a consciência, por vezes
rejeita

a madeira não é apenas fotografias
é a memória real dos precipícios
e das vertigens
encordoamento
do que não parecia lembrado
mas é
a memória do que não foi
mas poderia
e sequer dói

(VERAS, 2015: 71).

¹ Este ensaio constitui a versão escrita da conferência proferida pela autora, a 27 de abril de 2022, na Universidade da Madeira (via zoom), a convite da Professora Doutora Leonor Martins Coelho. Foi promovida pelo Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades da UMA, no âmbito do Doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares.

Mesmo sabendo dos riscos da autorreferência, optei pelo empirismo para abordar o mistério do ato criativo na poesia. Afinal, sou próxima de minhas personagens poéticas como também dos meus próprios motivos. Antes da poeta, entretanto, surgiu a leitora e, como leitora, gosto de tentar penetrar no mistério da criação do outro, mas também tentar decifrar as razões de minhas próprias escolhas.

Essa tentativa de desvendamento, transforma-se, quase sempre, em espantos e questionamentos e, por algumas vezes, iluminação epifânica que celebro em silêncio, pois é dessa forma, em silêncio, que se mergulha na língua da poesia.

Sou uma escritora brasileira que nasceu em Portugal. Não posso ser uma escritora portuguesa escrevendo como brasileira. A sintaxe não é a mesma, ainda que as raízes do lugar fundador permaneçam a fustigar a memória que, de forma consciente ou não, recrio em minha outra voz, a da poesia. Ter duas pátrias, como no meu caso, é viver em estado permanente de exílio.

Acredito que, independentemente do deslocamento físico, todo o escritor se recolhe em alguma espécie de ínsula como forma de autoexílio para que possa, observador incansável dos avessos daquilo que anda à sua volta, do que lhe diz a imaginação e o refletir, acontecimentos depois transfigurados na forma de poemas.

Como leitora do outro, interesse-me por desembrulhar o artefato, ou seja, o poema. Penetrar em seus interditos, seus silêncios, seus gritos, de como o pensar e o sentir se resolvem esteticamente no poema. A forma, a espacialidade na página, é tão importante quanto o conteúdo.

Ao fazer a escolha de determinada linguagem, vale-se o poeta do acúmulo. Um escritor é composto pelo que leu e viveu, mas também de atavismos e memórias, marcas naquilo que veio a ser, heranças avós das quais raramente se liberta, como acreditava Mário de Andrade.

É nesse microcosmo que habita a insularidade de cada um, na singularidade da forma que escolheu para dizer ou não dizer, do grito ou do silêncio, em tom de melancolia ou júbilo.

Quanto à insularidade, ou seja, sentimento ou característica próprios de quem nasceu, viveu ou vive numa ilha, estar presente ou não na criação literária, é outro mistério, sobre o qual tenho refletido e cada vez menos me surgem respostas, só mais questionamentos e dúvidas.

Será mesmo insular a abordagem temática criativa de todo aquele que nasceu ou viveu em uma ilha? Essa referência poderá não estar presente em toda a produção dos ilhéus de forma explícita, mas, como no meu caso, nem sempre consigo fugir dela. É também uma questão de pertencimento ao lugar. Faz parte da memória e do rizoma, atavismos manifestos conscientemente ou não. Gosto da ideia de insularidades como apontado no tema geral destes encontros, muito mais abrangente do que o vocábulo no singular. Gosto de pensar nas solidões (não seriam estas as próprias “insularidades”?) de quem se recolhe para anotar os seus desassossegos, sem, entretanto, apontar para esta ou aquela ilha física.

Ouçamos o que nos disse Cecília Meireles, ela também, com ancestrais ilhéus, dos Açores, num excerto do poema “Interpretação”:

As palavras aí estão, uma por uma:
porém minha alma sabe mais.
De muito inverossímil se perfuma
o lábio fatigado de ais.
Falai! que estou distante e distraída,
com meu tédio sem voz.
Falai! meu mundo é feito de outra vida.
Talvez nós não sejamos nós.

(MEIRELES, 1974: 307).

Desta instigante e intrigante estrofe, valho-me do verso “Talvez nós não sejamos nós”, como entrada para tentar penetrar no mistério da criação. Quem somos quando escrevemos? Definir a significação e o porquê da escrita é tentar desatar os nós de que nos fala a grande poeta brasileira, os nós dos mistérios, os nós de nós os poetas, os nossos nós, nós mesmos.

Remexer nos procedimentos da criação poética assemelha-se a desatar intrincados nós, difícil e complexa tarefa.

Deixemos, assim, as razões, os motivos e seus fenômenos alquímicos guardados nos escaninhos da memória, a memória das coisas, dos seres e dos lugares, armazenagem imprescindível ao poema, para uma abordagem ligada aos procedimentos poéticos conscientes, ou seja, o suor do ofício.

Por mais que transfigure o visto, ouvido ou sentido, é dele mesmo, o poeta, que parte a decisão da escolha. Fazer opções é sempre um ato consciente e, eu diria, também político, mas aqui me pergunto se, no ato da escolha não haverá também algum desígnio

atávico que a dirija. No meu caso, a partir de um certo momento da prática da escrita, me vi filiada a uma corrente que tem na concisão a sua maneira de expressão poética.

O vocábulo mais exato, o corte, o mínimo que diga muito ou, como nos disse o já saudoso Gastão Cruz, “a prática de uma linguagem domada” (CRUZ, 1999: 25), tem sido a minha busca. No Brasil, tenho como Mestra, a poeta Orides Fontela, capaz de formular um conceito filosófico em apenas três ou quatro versos. É, como vemos, nos motivos e não exatamente na forma que reside o mistério. A forma é forjada, o motivo não.

Volto à insularidade ou ao estado de, bem como ao mistério da criação, com esta reflexão em formato de poema, do meu livro *solidões da memória*:

a ilha à minha porta amarrada

Amarro à tua porta o Mondego
Regresso-me./ Paz?
Murilo Mendes

o regresso
(ainda que
da memória seja
o mergulho
vertical e fundo)
é paz impossível

recordar é voltar
(e
perder-se)
inquietares caminhos
névoa no que era luz

a ilha
(à porta
permanentemente
amarrada)
janela
(aberta para dentro)
passaporte
para o que sou

(VERAS, 2015: 57)

É nesta janela aberta para dentro onde, por vezes, me posto sem, contudo, deixar de olhar constantemente pela janela que dá para fora e dali trazer mais questionamentos

para a construção do poema. Não é próprio da poesia dar a sossegar, mas colocar em crise, desassossegar.

Não há receitas, não há acordos prévios, apenas planos de fuga em casos de urgências do pensar.

A propósito, acabo de publicar um novo livro, cujo título remete exatamente a isso, *fuga e urgências*, o 23º de minha trajetória literária de 40 anos, iniciada em 1982, com a publicação de *Lições de Tempo*. A gênese deste livro vem de finais do ano de 2016 e percorre uma trilha singular desde a proposta inicial, relatada no próprio livro, em forma de posfácio. 11 poemas, à época inéditos, formaram o conjunto “à janela do tempo” e foram, a convite, enviados para a coletânea *Cadernos de Santiago II*, organizada pelos escritores e professores José de Sainz-Trueva, Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, todos residentes na Madeira. O volume veio a ser publicado somente no início de 2021, pela Âncora Editora, Lisboa.

A partir de então, o conjunto inicial continuou a ser trabalhado junto a outro conjunto de cunho sociopolítico, por fim publicado em brochura independente, sob o título *tempo em fúria*, em 2019, e apresentado em primeira mão, na 45ª Feira do Livro do Funchal, nesse mesmo ano.

Em 2020, início da pandemia que levou à morte mais de 650 mil brasileiros, nasce uma nova série que denominei “noites insones, pandemia e desnor-teios”, poemas comprometidos com esse tema e que também chamo de urgentes, foram integrados ao projeto original de 2017. Uma terceira série, denominada “em primeira pessoa do singular”, trabalhada em paralelo, também faz parte do volume, formando um livro que é 3 e já foi e é muitos.

Dito assim, parece labiríntico, mas há certas coisas que, para compreendê-las é preciso colocar-se nelas os olhos e as mãos. Assim é com este livro

Tão logo os originais de *fuga e urgência* foram entregues à gráfica, dei início a uma nova série de poemas que, em termos de linguagem, fogem completamente a tudo que fiz até agora. Trata-se de poemas construídos sob o fluxo do pensamento, forma que só agora experimento, ou seja, deixar-me levar por imagens, muitas delas de cunho onírico, sem me preocupar em domá-las, como dantes.

Um exemplo:

VIII

o barco prestes a largar e a passageira ainda arruma a bagagem
dentre os acúmulos afetivos tenta escolher as botas caramelo
ou as sandálias vermelhas o vestido justo ou o kaftan azul
mediterrâneo sem flores o livro de poemas ou o romance

um marinheiro à paisana lhe diz que nada disso será necessário
enlaça-a com tamanha ternura que está perto do convencimento
mas a passageira insiste na incerteza do retorno manifesta o
desejo de ficar próximo daqueles que ama e dispensa o marinheiro

afinal o navio partiu no horário e não deu pela falta da passageira
perdida no intransponível congestionamento do enlevo onírico
no desejo de permanecer um pouco mais no calor da terra mãe
aconchega-se aos desmedidos pertences e deles faz um ninho

Acredito que neste poema, assim como nos demais poemas da série que já soma 20 textos, haja brechas que remetem a certos mistérios criativos ainda a desvendar, apontados pelo fluxo da consciência.

Dito isto, gostaria de sublinhar que, desde que voltei a visitar a Madeira a partir de meados dos anos 80 do século passado, venho lendo tudo que me chega às mãos de autores madeirenses, quer seja de forma presenteada ou procurados nas livrarias e alfarrabistas, em especial na emblemática Livraria Esperança, no Funchal, visita inegociável.

Em janeiro de 1993, publiquei na *Revista Livrespaço* (da qual fui uma das editoras) um breve artigo com anotações dessas leituras, denominado “A literatura madeirense – um olhar atlântico”, no qual destacava os nomes de José António Gonçalves, Irene Lucília Andrade, Carlos Nogueira Fino, José de Sainz-Trueva, José Tolentino Mendonça e Maria Aurora Homem, autores que acabara de conhecer e bastante atuantes naquele momento. Destaco alguns parágrafos desse texto que me parecem oportunos para este nosso tema:

A Ilha da Madeira, possui uma atividade literária digna de nota, muito especialmente na poesia que, sem favor algum, a insere no contexto de centralidade da moderna poesia portuguesa.

Persiste, entretanto, uma já velha questão acerca da existência de uma poesia, uma literatura madeirense. [...] A própria condição insular, empresta ao madeirense uma "fácies" própria que, inegavelmente, o distingue dos demais portugueses, no seu modo de ser e de estar, na sua própria visão de mundo. [...]. A grande poesia contemporânea portuguesa conta hoje com pelo menos 3 poetas nascidos na Madeira, cujas obras já ultrapassaram as fronteiras lusas, Herberto Helder, José Agostinho Baptista e José Viale Moutinho. Nem por isso esses poetas são marcados como "poetas madeirenses", mas simplesmente poetas portugueses, como deve ser, ainda que, e apesar de, viverem fora da ilha, alguns dos fatores de que falamos, atávica ou empiricamente, estejam presentes em suas obras (VERAS, 1993: 6).

No ano 2000 apresentei uma comunicação sobre o mesmo tema, ou seja, poesia madeirense, no III Encontro Luso-Afro-Brasileiro de Língua Portuguesa – Literaturas e Comunicação Social, realizado na Faculdade Cásper Líbero, SP, promovido pelo Instituto Fernando Pessoa. O texto consta dos Anais do referido encontro, publicados em 2 volumes, pela Imprensa Oficial do Estado de SP/Faculdade Cásper Líbero, em 2001.

Nessa oportunidade, dizia que

Difícil seria, nesta breve notícia sobre a poesia na Madeira, estudar com o rigor exigido esse conjunto de obras e classificá-las como literatura madeirense, posto que esse é um terreno escorregadio e polêmico que, volta e meia, vem à superfície fazendo patinar quem por ele transite.

A questão sobre a existência ou não de uma literatura madeirense persiste, inclusive, entre os próprios escritores locais. Assim, colocada no mero posto de observadora, limitei-me a falar dessas anotações, ou seja, trechos retirados das comunicações dos escritores participantes do I Encontro Regional de Escritores, realizado no Funchal em 1989 (VERAS, 2001: 363)

A conclusão leva minha opção por uma poesia portuguesa feita na Madeira e não da Madeira, com marcas insulares ou não, mas sem o risco de ser cunhada como regionalista.

Agora, num avanço de mais de duas décadas, ou seja, nas minhas mais recentes estadas na Madeira, em 2016 e 2019, entrei em contato com uma nova geração de poetas. São escritores que, além da escrita e do livro, cumprem também o seu papel de ativistas culturais, inclusive, assumindo como cidadãos, posições políticas e sociais.

Em 2019, adquiri a antologia poética *Mostrengo*, apresentada durante a 45.ª Feira do Livro do Funchal, pela pesquisadora Ana Salgueiro e autora do Posfácio da obra. O volume, organizado por Maria Fernandes, reúne 15 poetas da Madeira, incluindo a si

própria, com uma característica comum entre eles, ou seja, todos nascidos a partir dos anos 70 do século XX, aspecto que, conforme a própria organizadora nos diz no prefácio,

serviu, em suma, de base à conceptualização da reunião de um conjunto de vozes emergentes, embora quase todos já tenham publicado obra, que, no nosso entender, se sobrepõem e se impõem à/na produção poética na Madeira, por via da utilização de elevados padrões estéticos universais, fora da temática tradicional da insularidade e personificando realmente a nova voz poética colectiva na/da Madeira, evidenciando um novo saber fazer do ofício da manufactura poética (FERNANDES, 2019: 4).

Penso que esta nova acha ali lançada e aqui apontada, possa atear mais lume no assunto, ser levada em consideração e aprofundada nos próximos debates e estudos sobre a nova produção poética na Madeira. Essas vozes dissonantes formam um coro de e num lugar determinado, uma ínsula que é ao mesmo tempo rural, marítima, urbana, cosmopolita e poliglota, conectada *on-line* com o mundo e muito merece ser ouvido, primeiramente em solfejo individual e posteriormente numa cantata laica e harmoniosa.

O ato de abrir e ler um livro é, cada vez mais, um ato estético, político e revolucionário. Em tempos obscuros num planeta enfermo, armar-se dos códigos necessários a decifrá-lo é abrir certos portais da percepção.

É o que tinha a dizer, como poeta e leitora. Muito obrigada.

Referências Bibliográficas

CRUZ, Gastão (1999), *Poemas Reunidos*, Lisboa: Publicações D. Quixote.

FERNANDES, Maria (2019), "Prefácio", *Mostrengo: antologia de poesia*, coord. Maria Fernandes, Caniço: Jóias de Cultura Ltd., p. 4.

MEIRELES, Cecília (1974), *Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

VERAS, Dalila Teles (2021), "à janela do tempo", *Cadernos de Santiago II*, org. José de Sainz-Trueva, Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, Lisboa: Âncora Editora, pp. 401- 413.

VERAS, Dalila Teles (2019), *tempo em fúria*, Santo André-SP: Alpharrabio Edições.

VERAS, Dalila Teles (2015), *solidões da memória*, Santo André-SP: Alpharrabio Edições.

VERAS, Dalila Teles (2001), "Poesia Madeirense", *Anais do III Encontro Luso-Afro-Brasileiro de Língua Portuguesa - Literaturas e Comunicação*, São Paulo: Faculdade Cáspero Líbero, SP Vol. I. Disponível em: <http://www.dalila.telesveras.nom.br/palestrasdalilatesveras12.htm> .

VERAS, Dalila Teles (1993), "A literatura madeirense – um olhar atlântico", *Revista Livrespaço*, nº 5, Ano II (jan./fev./mar.), Santo André-SP: Grupo Livrespaço de Poesia, pp. 6-10 .

Dalila Teles Veras - Nome literário de Dalila Isabel Agrela Teles Veras. Nascida em Portugal, (Funchal, 1946), vive no Brasil desde os 11 anos de idade. Escritora, ativista cultural e editora. Publicou inúmeros livros de poesia como *Fuga e urgências*, 2022; *tempo em fúria*, 2019; *SETENTA anos poemas leitores* - poemas escolhidos por 70 leitores por ocasião dos seus 70 anos, 2016; e, *entre outros, solidões da memória*, 2015. Publicou crônicas e ensaios memorialísticos na imprensa e no formato livro. Fundou e dirige a Alpharrabio Livraria, Editora e Espaço Cultural em Santo André – SP, desde 1992, referência cultural, onde promove constante e ininterrupta atividade voltada para a difusão da cultura, das artes e do debate de ideias. Desde 2013, integra, como membro externo, o Comitê de Extensão e Cultura da PROEC - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do ABC. Algumas distinções: Em 2000, recebeu da revista *Livre Mercado* o Prêmio Desempenho de Empreendedora Cultural. Em 2004, recebeu da Câmara Municipal, o título de Cidadã Honorária do Município de Santo André - SP. Em 2015, recebeu da Câmara Municipal de Luzilândia, Piauí, o título honorário de Cidadã Luzilandense. Em 2019, recebeu o título de Doutora Honoris Causa, outorgado pela UFABC – Universidade Federal do ABC. Em 2022, recebeu o Colar Guilherme de Almeida, indicação da Casa-Museu escritor Guilherme de Almeida, promovido pela Câmara Municipal de São Paulo.